

A REPRESENTAÇÃO DO HOLOCAUSTO NO CINEMA E EM LIVROS DE HISTÓRIA

Luana Teixeira Porto©

RESUMO¹

Este trabalho centra-se na análise de depoimentos de sobreviventes do Holocausto recolhidos no filme **Os sobreviventes do Holocausto**, de Steven Spielberg, e no estudo do discurso sobre este evento em livros de História.

PALAVRAS-CHAVE: holocausto, cinema, livros de História.

INTRODUÇÃO

Considerado como uma das maiores catástrofes do século XX, o Holocausto caracterizou-se pela brutalidade e violência impostas pelo regime nazista aos povos considerados “inferiores” à raça ariana, da qual descendiam os alemães. Para os nazistas, o projeto de uma raça pura era ameaçado pela presença de negros, ciganos e judeus, o que legitimaria na perspectiva autoritária o ódio e a perseguição sofridos por estes povos, especialmente os de origem judaica, durante o período entre-guerras e na Segunda Guerra Mundial.

Inspirados no Holocausto, vários cineastas fizeram filmes tematizando a perseguição aos judeus e a violência nos campos de concentração da Guerra. Steven Spielberg, em **Os sobreviventes do Holocausto**, filme composto com um fundo musical fúnebre e imagens da perseguição nazista, recolheu depoimentos de sobreviventes da Shoah para retratar os horrores promovidos pelos nazistas contra os judeus. Nos relatos dos sobreviventes, as conseqüências da tortura são percebidas pelas formas de elaboração do discurso, que se mostra muitas vezes fragmentado e desprovido de uma ordem lógica do pensamento, o que caracteriza o trauma decorrente de uma não assimilação de um evento doloroso. Além disso o relato das vítimas é marcado por uma forte emoção ao relembrar a discriminação e a violência física e moral por que passaram os sobreviventes da perseguição nazista.

Com o objetivo de analisar o grau de intenção de objetividade nos relatos dos sobreviventes do Holocausto e nos discursos de livros de História, este trabalho apresenta um estudo sobre as falas das vítimas que deram depoimento para o filme de Spielberg e as descrições sobre a perseguição aos judeus encontradas em manuais de História.

1. A representação do Holocausto no cinema

Ao analisar o discurso dos sobreviventes do filme de Spielberg, faz-se necessária uma noção sobre o testemunho, que, tanto na literatura como no cinema, dão informações sobre dados históricos de nosso contexto. Shoshana Felman, discutindo implicações do estudo da literatura de testemunho em classes pedagógicas, afirma que

Filmes como Shoah, de Claude Lanzmann, Le Chagrin et la Pitié, de Marcel Ophüls, ou Hirishima mon amour, de Marguerite Duras e Alain Resnais, nos instruem sobre as formas pelas quais o testemunho se tornou uma modalidade crucial de nossa relação com os acontecimentos de nosso tempo – com o trauma da história contemporânea: a Segunda Guerra mundial, o Holocausto, a bomba nuclear e outras atrocidades da guerra. (2000: 17-18)

Nesta mesma linha de filmes sobre testemunho pode ser enquadrado **Os sobreviventes do Holocausto**, pois este filme apresenta relatos de testemunhos que vivenciaram as experiências do Holocausto, constituindo-se numa espécie de documento sobre as atrocidades de nossa história moderna.

Segundo Felman, “Como uma forma de relação com os eventos, o testemunho parece ser composto de pequenas partes de memória que foram oprimidas pelas ocorrências que não tinham se assentado como compreensão ou

lembrança, atos que não podem ser construídos como saber nem assimilados à plena cognição, eventos em excesso em relação aos nossos quadros referenciais.” (2000: 18) Nesse sentido, pode-se estabelecer uma relação com os depoimentos do filme de Spielberg, os quais apresentam uma memória fragmentada em virtude do trauma causado pelas experiências de repressão nazista.

As reflexões de Felman podem ser postas em diálogo com considerações sobre literatura de testemunho elaboradas por Márcio Seligmann-Silva. Comentando que a literatura de testemunho é uma literatura em que a obra se constitui como a “representação de uma ‘cena’”, Seligmann-Silva alerta para o fato de que “o testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena violenta, de um acidente ou de uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição ‘realista’ do ocorrido” (1998: 20). Isso porque uma “tradução total” de uma tortura física, por exemplo, é impossível de ser realizada, pois “A vivência traumática é justamente a vivência de algo que não se deixou apanhar pela nossa teia simbólica, que trabalha na redução de visto/vivido ao ‘já acontecido.’” (1998: 10)

Assim, por mais que um filme de testemunho pareça ser real, deve-se reconhecer que ele é uma representação do real, pois não há relatos totalmente fiéis a um fato verídico porque o testemunho não tem uma visão “perfeita” em vista de uma “vivência traumática”.

Os depoimentos recolhidos no filme são relatos do período em que Hitler estava no governo alemão, período em que, conforme Maria Luiza Tucci Carneiro, “todos os judeus do Reich (Império) foram transformados, juridicamente, em *apátridas*: pessoas que não pertenciam a nenhuma comunidade política e não possuíam direitos – inclusive o direito a um espaço público-, em virtude da inexistência de vínculo político com o Estado; e todos aqueles que viveram essa experiência de privação da cidadania jamais a esqueceram.” (2000: 5)

Em vários depoimentos, os sobreviventes se emocionam ao falar ou ficam em silêncio como se não tivessem palavras para descrever a tortura, o que indica um intenso sofrimento com as experiências dos campos de extermínio.

As pausas inusitadas no decorrer das falas também são indícios do trauma do Holocausto, pois a dificuldade de compreensão da violência interfere na organização verbal do pensamento.

Utilizando na maioria das vezes frases curtas em períodos coordenados, os sobreviventes relatam as angústias vividas num lugar onde eles eram presos sem as mínimas condições de higiene, conforto e alimentação (conforme o relato de um prisioneiro, “com aquela ração nem criança sobrevivia”). No depoimento de um sobrevivente, o desejo de liberdade é expresso de forma bastante sintética quando o torturado declara que gostaria de ser um pássaro, estabelecendo indiretamente uma relação de causa entre a segunda e a terceira oração, uma vez que o pássaro podia voar livremente e ele não podia fazer nada porque estava preso: “Pensei: ‘Queria ser um pássaro! Ele era livre, eu não.’”

A emoção ao descrever os fatos é acentuada quando os sobreviventes falam de suas famílias e da violência imposta a eles. Em um depoimento, a história contada sobre a irmã de uma sobrevivente impressiona pelo grau de veracidade que transparece no relato e pela dor da lembrança da sobrevivente, que chora ao falar:

Quando pegaram minha irmã em Paris, levaram-na para Liver. Largaram quase vinte mil pessoas num hipódromo por cinco dias sem saneamento, sem comida, sem nada. Minha irmã era linda, Sabine, e havia um jovem guarda que se apaixonou por ela. E, através dele, ela pôde enviar algumas cartas. E em uma delas, ela dizia que vira os cabelos louros de meu irmão serem raspados, meu irmão Henri. Minha mãe tinha belos cabelos pretos, também foram raspados, assim como os de Sabine. Na carta, dava para ver as lágrimas que caíram. Eles foram obrigados a vestir uniforme de prisioneiro. O jovem pediu minha irmã em casamento, a qual tinha quinze anos. Eles concordaram: ‘Tire-a de lá, têm nossa bênção, podem casar’. Mas quando ele voltou para busca-la, ela estava indo para Auschwitz.

Nesse relato, a forma dócil como a sobrevivente fala de sua família expressa o amor que ela sentia por seus familiares. Os adjetivos usados para descrever a beleza de sua irmã e os

cabelos de sua mãe são prova disso. No trecho em que ela fala das lágrimas que caíam quando a irmã escrevia a carta ocorre o momento de maior emoção, pois o sofrimento da sobrevivente associa-se com o desespero da irmã presa. O choro durante a fala é o sinal de que o sofrimento não acabou, a experiência não foi aceita nem a violência esquecida.

Os relatos dos sobreviventes também são marcados pelo questionamento do porquê da perseguição e da tortura, uma vez que eles não encontram explicações para o ódio nazista contra judeus. Henry Rosmarin, em seu depoimento, chega a se perguntar porque é judeu, pois para ele faltava uma resposta que o fizesse entender os motivos para a discriminação imposta a seu povo: "Quando Hitler começou a nos perseguir, separar e marcar com braçadeiras e Estrelas de Davi, senti uma rejeição muito forte. Lembro de ter pensado 'Por que nasci judeu?'".

Em seu depoimento, Helmuth Szprycer descreve o sentimento de inferioridade que o atingia quando se deparava com a marca distintiva para prisioneiros colocada pelos nazistas, acentuando o caráter discriminante e desumanizador dos atos alemães, que condicionavam aos seres humanos apenas um número, negando assim qualquer elemento que estabelecesse uma identidade aos prisioneiros dos campos de concentração: "Estamparam um número no braço esquerdo. Naquele momento, sua dignidade, você se sente tão indigno, tão inútil! Naquela hora, achei que não era ninguém. Eles falaram depois: 'Quando perguntarem seu nome, responda com esse número'".

Usando "você" e "sua" para referir a si próprio, Helmuth Szprycer parece dialogar com o receptor, estendendo o seu drama para outras pessoas, o que indica um sofrimento que não é individual, mas pertencente a vários outros torturados.

No relato de Andrew Meisels, quando ele fala da viagem de trem dos judeus para os campos de extermínio, percebe-se a situação paradoxal de o sobrevivente querer esquecer a experiência do Holocausto e ao mesmo tempo querer lembrá-la, indicando um conflito com a sua memória que o leva a sentimentos extremos:

Não sei quantos eram, mas nos amontoavam feito sardinhas. Era sufocante, quente, fedorento. O banheiro era ali mesmo. A porta ficava fechada. Passaram-se três dias e duas noites ao todo. Gritavam que alguém havia morrido e não abriam a porta. Uma viagem terrível que eu quero esquecer. Não posso, não quero, mas quero esquecer.

A ambivalência com relação à memória do Holocausto caracteriza-se, nesse caso, pela necessidade de manter presentes os fatos mesmo que seja difícil, uma vez que a lembrança das experiências é muito dolorosa. Isso também se relaciona com o trauma decorrente das experiências de violência e tortura que não foram toleradas nem racionalizadas pelo sobrevivente, devido ao intenso grau de dor associado à vivência da perseguição.

Na fala das vítimas do Holocausto, a perda de referências temporais no que diz respeito à duração da tortura é bem marcada. Como se os sentidos fossem perdidos com a forte intensidade da violência, a medida de tempo fica descontrolada. O depoimento de Alice Sylvester exemplifica o "alienamento" temporal diante da experiência em uma câmara de gás, em que o método utilizado para matar os prisioneiros foi levado ao extremo de uma ação sub-humana:

Levaram-nos para uma sala, onde tivemos de ficar nus. Depois nos levaram para uma sala onde havia buracos no teto. Para nos asfixiar, soltavam zytkon por esses orifícios. Mandaram-nos sentar no chão. Não havia janelas. As portas foram fechadas e começamos a tossir e a nos sufocar. Talvez por falta de ar caímos no sono. Não sei quanto tempo ficamos ali, mas depois eles gritaram 'Todos para fora!' O que houve foi um milagre. Naquele dia eles tiveram problemas com o encanamento de gás.

A incompreensão das atitudes dos nazistas leva os sobreviventes a manifestar a perplexidade diante do horror imposto pelos atos de disseminação da tortura: "Eu vi o sadismo, a crueldade dos alemães. E de todos do alto escalão. Fosse um prisioneiro, devia mostrar aos alemães que estava cumprindo as ordens. Vi muita crueldade. Não imaginava que

as pessoas fizessem aquilo umas as outras". Em outro depoimento, uma sobrevivente reflete sobre as ações nazistas calcadas em preconceitos que impedem uma valorização das relações e da essência humanas: "Não odeio ninguém. Veja onde o ódio pode chegar. Só porque alguém é de religião, de raça diferente, não deve ter preconceitos. Deve ver o ser humano, o que está dentro" (Shari Braun).

O relato de uma sobrevivente, que parece estar ainda bastante abalada com a experiência de perseguição contra judeus, exemplifica a desordenação do pensamento e da capacidade de expressão oral. Como ela não consegue compreender o sentido dos fatos, ela fala de modo desarticulado. No trecho a seguir, a testemunha não dá continuidade ao seu primeiro pensamento, remetendo imediatamente a outro assunto, que é sobre a sua carência afetiva, a qual se ameniza com palavras de carinho: "Senti no coração que tudo o que foi feito por mim não no sentido material ou financeiro, uma palavra de afeto é tanto, ela me consola!".

Em um dos depoimentos mais comoventes do filme, Shony Alex Braun relata o episódio em que ele foi obrigado a colocar um homem vivo no crematório. Em sua fala, ele declara o seu sofrimento por ter sido de certa forma responsável por uma morte, assim como o trauma não recuperado pelo ato que foi forçado a fazer ao escolher pela sua própria vida: "Tive de obedecer, senão seria jogado lá. Nunca me recuperei disso. Até mesmo hoje, às vezes, acordo no meio da noite gritando ... Vejo o homem, ouço seu grito e eu tive de queimá-lo".

2. O Holocausto em livros de História

As falas das vítimas do Holocausto contrastam com os discursos sobre o tema em livros de História, que estão em bibliotecas de escolas. Nestes livros, quando há alguma menção sobre o Holocausto, ela é feita de modo muito objetivo, de forma a apresentar apenas dados sobre o número de mortos ou enumeração dos campos de concentração. As formas de extermínio e de tortura não são relatados nos livros, constituindo uma lacuna para o aprendizado e o conhecimento dos alunos, diminuindo as condições para reflexão e compreensão das ações e circunstâncias históricas que deram origem ao massacre.

Se, por um lado, os relatos das vítimas são marcados pelo sofrimento e pelas lembranças dolorosas do Holocausto, por outro, as descrições expostas nos livros de História são pretensamente objetivas e indiferentes ao drama vivido pelos perseguidos. No trecho abaixo, o discurso é pautado em um detalhamento dos métodos utilizados pelos nazistas para dificultar a sobrevivência dos judeus na Alemanha:

As maiores vítimas do nazismo na Europa foram os judeus. (...) Há menos de um mês no poder, Hitler já começou a perseguição, decretando o boicote compulsório das lojas judaicas. Em seguida, não havendo reação, passou a decretar leis anti-semíticas cada vez mais drásticas: os judeus foram excluídos do funcionalismo civil e das profissões liberais, e, em 1935, expulsos da comunidade alemã. (Arruda, 1981:356-357)

A maneira como a descrição é feita (sintaxe bem estruturada, norma culta, seleção lexical eficiente) indica um distanciamento em relação aos fatos, não demonstrando nenhum envolvimento emocional com a situação dos judeus que se agravava a todo momento, como se pode perceber quando é anunciado que Hitler tomava medidas "cada vez mais drásticas" para prejudicar os judeus. A objetividade usada aqui não permite uma reflexão sobre as causas para a tomada de leis "drásticas" nem sobre a legitimidade das ações dos nazistas, dando aos fatos uma naturalização que torna os atos seqüenciais encadeados e banais.

Conforme aponta o próprio autor de um livro de História, a exposição dos fatos do contexto histórico é sempre feita de modo a priorizar a objetividade¹¹, apresentando de modo sintético e técnico informações sobre os principais acontecimentos históricos. No caso do extermínio dos judeus, a preocupação maior parece ser a de expor o número de mortos e não a de relatar as formas de tortura e violência que levavam os perseguidos à morte. Na transcrição a seguir, a frieza com que os dados numéricos são colocados contrasta com o impressionante número de judeus mortos no Holocausto, conduzindo a uma dissonância entre a estrutura do relato e o fato relatado:

Numa progressão paranóica, culminou com a determinação de extermínio

puro e simples, feito de forma sistemática e científica. Não se pode garantir com exatidão o número dos judeus mortos nos campos de concentração; cálculos oficiais garantem que de 5 a 6 milhões foram eliminados, sem incluir nessa cifra os que morreram de fome e doença nos guetos. Mais de 2/3 dos judeus da Europa foram mortos. Segundo dados oficiais, somente em Auschwitz 22 mil judeus foram eliminados e cremados em apenas três dias. (Arruda, 1981:357)

O anúncio da “solução final” é apresentado nos livros com uma objetividade tão direta que impede que a singularidade e a desumanização dos atos nazistas seja colocada em discussão; os relatos não deixam transparecer um mínimo grau de intolerância com o “extermínio total”, tornando os fatos familiares. Os discursos são estruturados de forma que a precisão dos relatos impeça qualquer envolvimento emocional de quem escreve os fatos e de quem os lê.

No trecho a seguir, isso pode ser percebido pela descrição das “leis” impostas para a perseguição dos judeus e pela declaração simples e objetiva da “direção tomada” para a eliminação do povo judaico.

Os judeus tiveram decretada sua ‘incapacidade legal permanente’, o que os tornava presas fáceis de perseguições de toda ordem. Outras leis foram posteriormente impostas, excluindo os judeus do voto, das atividades comerciais e industriais, confinando-os e expulsando-os do país. A direção tomada foi a ‘solução final’, isto é, o extermínio total dos judeus a partir de 1941, depois do ataque à União Soviética. (Nadai & Neves, 1993: 235)

Como já foi dito anteriormente, é comum que livros de História apresentem apenas uma enumeração dos campos de concentração em que os nazistas detinham seus perseguidos. Em alguns livros, a menção sobre estes campos para extermínio constitui-se somente de uma pequena citação dos principais campos, não havendo nenhuma explicação sobre o funcionamento dessas prisões e sobre as formas usadas para matar os prisioneiros. A passagem seguinte é um exemplo disso. A forma como o texto foi composto não permite que um leigo sobre o Holocausto entenda o que foi um

campo de concentração, já que não é estabelecida uma relação direta entre os métodos para extermínio e os lugares utilizados para a matança: “Os judeus (...) foram vítimas de uma exterminação sistemática nos chamados ‘campos de concentração’ dentre os quais, ficaram tristemente famosos Dachau e Buchenwald.” (Maior, 1970: 406) Os apóstrofes usados para mencionar os campos de concentração indicam uma ausência de referências e explicações mais precisas para falar sobre os lugares de extermínio.

CONCLUSÃO

Através da análise dos discursos dos sobreviventes do Holocausto e dos relatos sobre o Holocausto encontrados em manuais de História, pode-se constatar um contraste entre os modos de estruturação de um e de outro discurso. Enquanto os depoimentos dos sobreviventes são marcados pelo envolvimento emocional com a experiência de tortura, os discursos apresentados nos livros de História abstêm-se de qualquer conotação emocional, demonstrando um distanciamento em relação aos fatos que pormenoriza as atrocidades cometidas e banaliza o sofrimento das vítimas.

Essa indiferença dos discursos dos manuais didáticos com o drama vivido no Holocausto não é recente nem casual. Em um texto publicado em 1973, no jornal **Opinião**, *Reação contra a história*, já se fazia crítica aos livros de história, especialmente aos de História do Brasil, recolhendo trechos de livros didáticos para exemplificar a superficialidade dos textos. O argumento usado era o de que estes livros apresentavam excesso de detalhes sem importância e “seriação de acontecimentos sem qualquer preocupação com os nexos causais”, o que também pode ser estendido aos livros de História Geral, como os analisados, que provocam um esvaziamento de sentido ao priorizarem datas e números dos fatos mais importantes da História. Conforme o texto, o ensino de História assim estabelecido está resumido à “memorização de nomes de personagens e da situação cronológica de episódios isolados”.

No que diz respeito ao controle das informações e do material didático no país, pode ser feita uma constatação: um dos livros analisados neste trabalho foi publicado em 1970, período caracterizado pela censura e

repressão da Ditadura no Brasil. Em um texto sobre os “melhoramentos” ocorridos na Educação escrito por Gustavo Capanema (“Algumas notas sobre o problema da Educação e da Saúde no governo Getúlio Vargas”), publicado no livro **Estado Novo, um auto-retrato**, no capítulo “Educação”, está declarado explicitamente que durante o governo Vargas havia uma rígida fiscalização dos livros escolares: “Instituiu-se um seguro regime de vigilância do livro didático, para o fim de torná-lo de boa qualidade e de vedar a utilização de maus e perniciosos, para o que se criou a Comissão nacional do Livro Didático.” (1983: 358)

Disso pode-se inferir que as informações contidas nos livros didáticos daquela época eram somente as que interessavam ao Governo, pois este não admitiria a circulação de livros que dispusessem materiais contrários à ideologia do Estado ou que fornecessem informações que colocariam em risco a supremacia do Governo. “Vedar a utilização de maus e perniciosos” era, portanto, a estratégia usada para omitir informações e manipular a opinião pública, especialmente a dos estudantes que seriam os futuros cidadãos do país.

Ao mesmo tempo em que o governo implantava um sistema para o controle dos livros didáticos, lançava o Instituto Nacional do Livro, que era “destinado à publicação de obras raras e preciosas, e à criação e amparo de bibliotecas populares em todo o país” (1983: 358). Assim o Governo criava uma aparência de Estado preocupado com a cultura e com a formação de leitor, pois incentivava a leitura com a publicação de livros e melhorias dos acervos das bibliotecas, mas, por outro lado, controlava as informações de todos os materiais que chegariam ao grande público.

Ao finalizar, ressalta-se a importância de se conhecer os horrores cometidos pelos nazistas contra judeus, negros, ciganos, homossexuais para que se forme uma consciência crítico-social a respeito desse e de outros fatos que causaram milhares de mortes e sofrimento a pessoas em todo o mundo. É também nesse sentido que Carneiro ressalta a importância do estudo desse massacre para a conscientização sócio-política, “pois alerta a comunidade para não cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado.” (2000:

5). Conforme declara a autora, estudar o Holocausto é um “desafio intelectual e emocional”, mas uma discussão sobre o tema “pode alertar sobre as conseqüências catastróficas dos regimes totalitários e o perigo das idéias racistas.” (2000: 5)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História moderna e contemporânea**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- CAPANEMA, Gustavo. In: SCHWARTZMANN, Simon. (org). Educação. **Estado Novo, um auto-retrato**. Brasília: Ed. UNB, 1983.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto: crime contra a humanidade**. São Paulo: Ática, 2000.
- FELMAN, Shoshana. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escutz, 2000.
- MAIOR, A. Souto. **História geral**. 11. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.
- NADAI, Elza & NEVES, Joana. **História geral**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.
- Reação contra a história. **Opinião**. nº 31. 04 a 11/06/1973.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Curso de mestrado em Letras. nº 16. (Jan/Jun). Santa Maria: UFSM/CAL, 1998.
- _____. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escutz, 2000.
- SPIELBERG, Steven. Os sobreviventes do Holocausto.

NOTAS

¹ Acadêmica de sétimo semestre do curso de Letras, bolsista de iniciação científica FIEX-UFSM e participante do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo, coordenado pelo Prof. Dr. Jaime Ginzburg e pela Prof^a. Dr^a. Rosani Ketzer Umbach.

ⁱⁱ “Na exposição, tomamos cuidados especiais com a precisão e a objetividade.” (Arruda: 1981: 5)